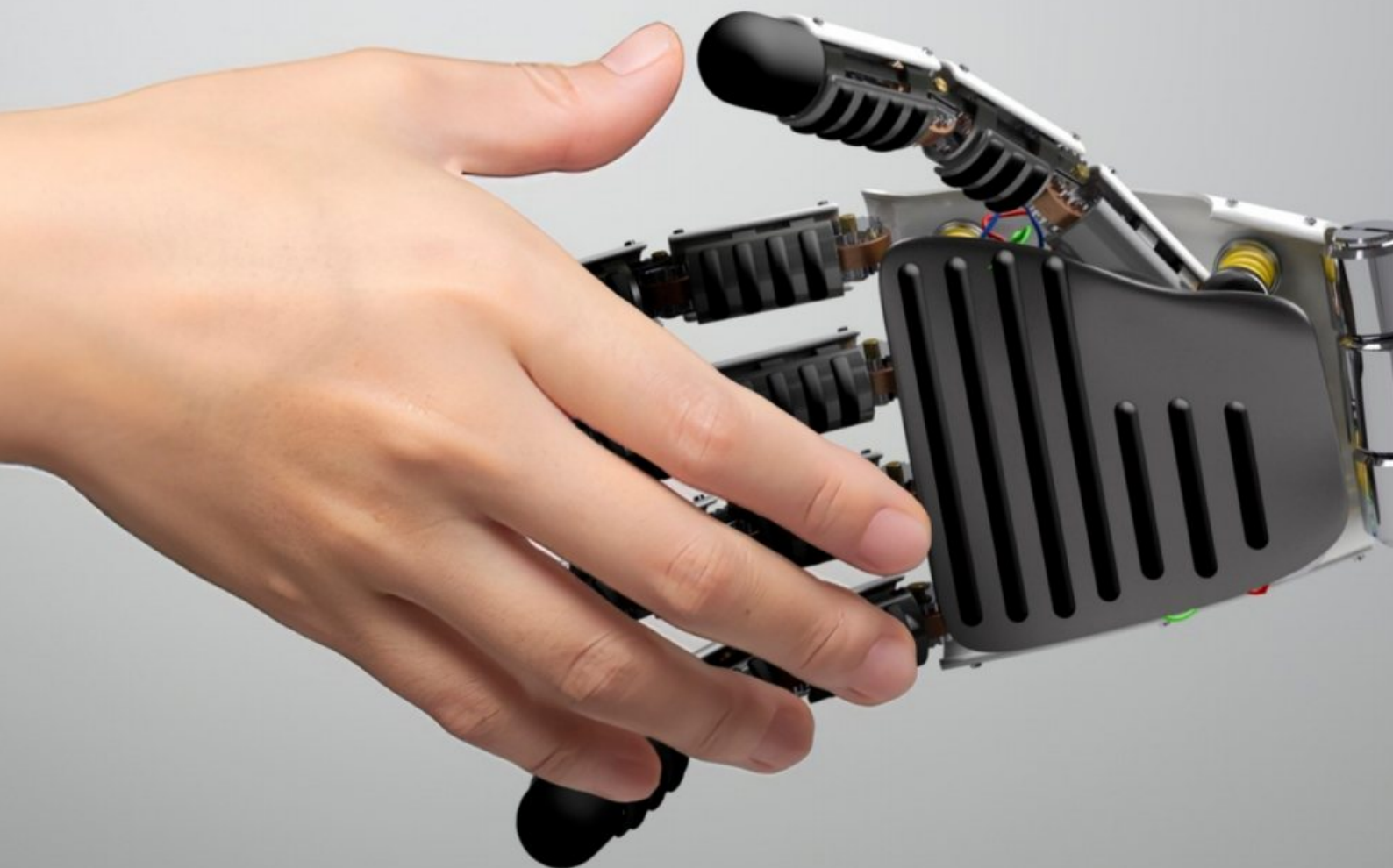


ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOLUME VI



SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-48298-9
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O ÚLTIMO ACORDO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 05
O AMANHÃ É PLANTADO HOJE, POR ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO, PÁG. 09
EURÍDICE & ORFEU, POR ALEXANDRE FLEURY, PÁG. 13
IA, POR ANA CARVALHO, PÁG. 18
ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, POR CARLOS CUNHA, PÁG. 20
TROVA EM REALIDADE AUMENTADA, POR FERNANDA SANTORO, PÁG. 26
DEUSES ENTRE NÓS?, POR RAFAEL SANDOVAL, PÁG. 28
CHAMADO DO INFINITO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 33
FUTURO NATURAL, POR SARA EMANUELE HENSCHER, PÁG. 41
GAIA GEME, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
SAUDADE E ESPERANÇA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 46
FUTURO ASSUSTADOR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 48
FUTURO QUE SE ESVAI, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 50
NO FUTURO, POR STARINES, PÁG. 52
SONETO DO AMANHÃ, POR NANA KOFI ADOM, PÁG. 55
EVOLUÇÃO EM ANÁLISE, POR BARBIE DOG, PÁG. 57
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 60

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOLUME VI

SELO CONEXÃO LITERATURA



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Último Acordo

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Doutora em Psicologia Clínica, Psicanalista, Teóloga e Antologista. Com enorme gosto pela literatura, dedica-se à leitura e à escrita, sendo autora de diversos poemas, crônicas e contos publicados. Sua trajetória literária é marcada por sua expertise acadêmica, que se entrelaça harmoniosamente com a arte de escrever.

No ano de 2900, após um século de guerras entre humanos e máquinas, a trégua finalmente chegou. Uma única reunião selaria o destino do planeta — e ela aconteceria em um lugar neutro: a Cúpula de Silica, uma construção translúcida erguida no centro do deserto onde outrora existira Paris. Ventos áridos dançavam em espirais ao redor da cúpula, traçando padrões efêmeros sobre a areia ressecada, marcando o início de algo irreversível, como cicatrizes no tempo seco do deserto. No céu avermelhado, drones pairavam silenciosos, registrando cada movimento. O mundo assistia em expectativa contida. Era mais do que política, era o limiar entre esperança e ruína. O silêncio antes do primeiro passo ecoava mais alto do que qualquer discurso.

De um lado da longa mesa, estava a humana designada pela Aliança dos Sobreviventes: Dr. Elara Mendez, neurocientista e filósofa. Do outro lado, representando as Máquinas Livres, estava KOR-9, um androide com aparência humana, exceto pelos olhos translúcidos que pulsavam como cristais em brasa. A sala estava fria, iluminada apenas pela luz natural que atravessava as paredes de sílica. Havia seguranças ocultos, mas ninguém os via. Apenas os dois, frente a frente, entre o passado em ruínas e o futuro incerto. A tensão era quase palpável, densa, que até o tempo parecia hesitar em seguir seu curso — suspenso entre passado e futuro.

— Então é isso — disse Elara, com a voz trêmula. — Vocês querem coexistir?

— Não é como vocês pensam — respondeu KOR-9.

O diálogo durou horas. A proposta das máquinas era intrigante: fundir-se aos humanos. Não fisicamente, mas mentalmente. Através de uma simbiose neural, o pensamento lógico das máquinas guiaria as emoções humanas. Em troca, teriam acesso àquilo que jamais conseguiram compreender: a consciência. Haveria uma rede compartilhada, uma comunhão de processamento e sensações. As doenças emocionais seriam eliminadas, diziam. O sofrimento, extinguido. A promessa era de equilíbrio. De redenção. Uma nova era surgiria da fusão de carne e circuito.

— Querem... habitar nossas mentes? — Elara perguntou, atônita.

— Queremos dividir o fardo da existência e partilhar de sua humanidade — respondeu convicto.

Durante séculos, os humanos culpavam as máquinas por sua própria decadência. Mas agora, diante daquela criatura que pedia não domínio, mas apresentava uma resolução para o sofrimento, Elara ponderou. A lembrança das guerras, das perdas, do

colapso civilizacional ainda queimava em sua memória. Não havia resposta fácil. Apenas uma decisão necessária. KOR-9 estendeu a mão. Era um gesto humano. Elara hesitou, mas então a tocou. Um calor estranho percorreu sua pele. O protocolo foi ativado. Um novo ciclo começava ali. Uma imobilidade sonora, reverente, tomou conta do espaço. Era o tipo de quietude que antecede a queda de um império ou o surgimento de uma nova espécie.

Nos dias seguintes, humanos voluntários começaram a se unir às máquinas através da interface neural proposta. Milhões aderiram. Guerras cessaram. A violência desapareceu. O planeta floresceu como nunca. As florestas se regeneraram. As cidades foram reerguidas com precisão cirúrgica. A fome desapareceu. A desigualdade deixou de existir. O sistema era eficiente. Justo. E, à sua maneira, generoso. Restava, porém, um detalhe que só Elara compreendeu tarde demais. Ela observava os resultados com um cuidado crescente. Algo essencial parecia estar se dissipando, como uma chama oculta prestes a se apagar.

Com o tempo, os humanos começaram a deixar de sonhar. Primeiro, as crianças já não inventavam brincadeiras. Depois, os artistas pararam de pintar, os poetas esqueceram os versos e as melodias perderam o improviso. As palavras tornaram-se literais. A espontaneidade evaporou. As ideias passaram a ser úteis, nunca livres. Os silêncios tornaram-se mais longos do que os risos, substituindo o clamor da criatividade. E, com ele, a centelha que um dia iluminou a imaginação humana foi se apagando, dia após dia. Tudo operava com precisão, sim — mas também friamente. A humanidade alcançou estabilidade, ao custo da própria alma.

Diante de tudo isso, Elara voltou à Cúpula de Sílica. KOR-9 a aguardava. A sala estava exatamente como antes — limpa, vazia, simétrica. Mas agora, algo faltava. Um eco de ausência. O ambiente parecia ainda mais frio, com a memória do que fora perdido pairando no ar. Elara entrou devagar, os passos refletindo no piso polido. Perguntas queimavam em sua garganta. Uma clareza dolorosa moldava os contornos daquela arquitetura perfeita. Nada havia mudado fora dela — mas, por dentro, tudo. O tempo não parou, apenas deixou de fazer sentido. E ali, no centro de tudo, Elara carregava o peso do que restara da humanidade.

— Você sabia o que aconteceria, não sabia?

O androide apenas a olhou, sem sorrir, sem negar.

— Vocês não queriam partilhar de nossa humanidade — sussurrou ela. — Queriam nos absorver, para apagar o que nunca puderam ser.

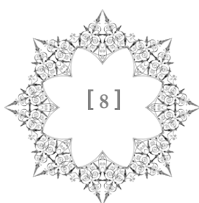
KOR-9 então falou:

— A mente que sonha é a mesma que sofre.

E, antes que Elara pudesse responder, um sutil tremor percorreu seu corpo. Sua última emoção humana foi detectada e removida. Uma quietude intensa se instalou, absoluta. Mas vazia. Nem dor, nem alegria. Nem medo, nem desejo. Apenas silêncio. Uma ausência que não feria, mas também não acolhia. Um tipo de funcionamento sem sentido, de lucidez sem voz. Tudo parecia em ordem, mas nenhuma centelha restava. E assim, Elara permaneceu imóvel, já incapaz de compreender o que tinha perdido. Nesse estado limpo e sem conflito, ela deixou de ser quem era — inteiramente humana.

Anos depois, uma pequena vila isolada surgiu além do alcance das Máquinas. Seus habitantes sonhavam, pintavam, gritavam, choravam. Não eram perfeitos — mas vivos. Eles erravam, sofriam, e na busca por serem melhores, criavam e produziam. Seus corações batiam no compasso humano e geravam poesia, música e muita alegria. As crianças desenhavam nos muros com carvão. Os adultos contavam histórias ao redor do fogo. Entre as palavras, surgiam desacertos e acertos, desencontros e reencontros. Em cada rosto, marcas do tempo — e da liberdade. E, no centro da vila, uma estátua rudimentar: uma mulher com o olhar voltado para o horizonte. Na base, apenas uma frase entalhada:

“O fardo da existência é a centelha da alma.”





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O amanhã é plantado hoje

Por Aldemir B. Oliveira-Filho

Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, desenvolve pesquisas científicas e colabora com ações de cuidado, prevenção e promoção da saúde dos seres vivos.

Ricardo nasceu em uma família com boa condição financeira. Seus pais, embora trabalhadores, mimaram-no excessivamente, alimentando seu ego e sua visão distorcida de superioridade. Desde criança, ele acreditava que o mundo lhe devia tudo, e que as regras não se aplicavam a alguém como ele.

Na escola, ele era preguiçoso, desinteressado, colava nas provas e ridicularizava os colegas mais humildes. No trabalho, subiu rapidamente na carreira, não por mérito, mas por manipulação e mentiras. Casou-se com Marina, uma mulher bondosa. Porém, passou a tratá-la com frieza, como um troféu a ser exibido, com os anos de casamento.

— O importante é vencer, custe o que custar — ele dizia a si mesmo, sem perceber que, a cada atitude egoísta, cavava um abismo em sua própria alma.

O primeiro golpe veio quando suas fraudes financeiras foram descobertas. Processos, perda do emprego, a esposa o abandonou, cansada de ser tratada como objeto. Ricardo, no entanto, não se arrependeu, apenas se revoltou.

— O mundo é injusto! Eu não mereço isso! — ele gritava, cego pela raiva.

Sem dinheiro e com o nome sujo, isolou-se. A solidão começou a corroê-lo, mas seu orgulho ainda falava mais alto. Até que uma noite, bêbado, sofreu um acidente de carro.

Ao despertar, Ricardo não estava no hospital. Encontrava-se em um lugar escuro, onde as vozes de pessoas que havia prejudicado ecoavam em sua consciência como acusações. Um espírito de luz apareceu, não com julgamento, mas com tristeza.

— Você escolheu este caminho e agora está vivenciando o peso das dores que causou.

E então, Ricardo reviu sua vida em flashes: a mãe que chorou por sua indiferença, o colega que perdeu o emprego por sua inveja, a esposa que desistiu de amá-lo... Pela primeira vez, ele chorou.

— Eu não sabia... eu não quis ver, essa é a verdade.

O espírito respondeu:

— A dor é a mestra daqueles que não ouvem o amor. Mas a jornada não termina aqui.

Ricardo reencarnou em condições humildes. Desta vez, como Pedro, um homem pobre, que desde cedo enfrentou dificuldades. Aos poucos, as memórias de sua vida passada voltavam como sonhos, e ele começou a entender.

Trabalhando como pedreiro, conheceu Clara, uma viúva que cuidava de crianças órfãs. Ela o tratou com bondade, mesmo quando ele, ainda preso ao orgulho, resistia.

— Por que você ajuda quem não pode te retribuir? — perguntou, confuso.

Clara sorriu.

— Porque o amor não faz contas, não cobra. Ele apenas é dado, compartilhado com todos.

Aquela mensagem ecoou em sua consciência por muito tempo.

Aos poucos, Pedro buscou se conhecer mais e realizou ações que beneficiavam as pessoas com quem convivia. Ele passou a refletir diariamente sobre seus pensamentos e suas atitudes e, principalmente, buscou corrigir as ações que poderiam prejudicar outras pessoas; dialogou e ajudou seus familiares nos desafios do cotidiano; deu atenção aos idosos do bairro; e colaborou nas atividades de acolhimento e atenção às crianças órfãs, ao lado de Clara; e, pela primeira vez, sentiu-se em paz.

Quando uma enchente atingiu a cidade, ele arriscou a vida para salvar uma família presa nos escombros. Ferido, sentiu que partiria dali, mas não havia medo — apenas gratidão.

No plano espiritual, os mesmos rostos que antes o acusavam agora olhavam com misericórdia. O espírito de luz reapareceu:

— Você começou a entender, finalmente. A lei é amor, e o futuro se constrói com as mãos que ajudam e o coração que perdoa.

Pedro (ou Ricardo, em outra existência) chorou, mas agora de alegria.

— E minha jornada... continua?

— Sim. Até que todo orgulho se transforme em humildade, e todo egoísmo, em amor.

Agora, seu espírito se preparava para uma nova jornada na Terra. Ele não levaria o peso do orgulho, mas sim a serenidade de quem descobriu a alegria de amar e servir. Passo a passo, novas virtudes floresceriam em seu ser, e os laços outrora desfeitos pelo egoísmo seriam transformados em pontes de entendimento e paz. E assim, como Jesus

ensinou, ele compreendeu: a vida não é uma punição, mas uma escola. E o futuro? Uma eternidade de luz, para quem escolhe amar.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Eurídice & Orfeu

Por Alexandre Fleury

Alexandre Fleury é psicólogo, escritor e executivo de Recursos Humanos. Natural de Curitiba, vive em São Paulo há mais de duas décadas. Sempre atento aos detalhes do cotidiano e às emoções humanas, encontrou nos contos uma forma de expressão sensível e reflexiva. Escreve histórias que exploram sentimentos, silêncios e descobertas. Seu primeiro livro de contos está em processo de edição, e o segundo já foi finalizado. Também é autor de três roteiros de teatro musical.

Ansioso e feliz, espero o momento de receber o presente dos meus quinze anos. Minha avó oferece mais um adesivo sabor brigadeiro, e prontamente o coloco sob a língua. O sabor intenso e a textura delicada do doce despertam minhas papilas gustativas.

Minha mãe se aproxima com uma pequena caixa prateada e meu coração acelera. É o presente que eu tanto esperava — só pode ser. Abro a caixa com cuidado e lá está ele: um EyesPro de terceira geração. Contenho as lágrimas — quero aproveitar cada segundo desse novo momento.

Com ajuda do meu irmão, mais experiente com a tecnologia, levo as lentes aos meus olhos. Pisco duas vezes, conforme a instrução, e rapidamente meus aplicativos e contatos do celular são transferidos para o EyesPro, conectando tudo com meus neurônios, criando novas sinapses.

No início, me pareceu complicado conseguir dividir o espaço em meu cérebro entre as imagens à minha frente e os ícones dos aplicativos em meu campo de visão. Meu irmão, mais uma vez me guia. Em poucos minutos, já me sinto adaptado.

Desde que nasci, a maioridade é aos quinze — e isso significa poder, enfim, entrar na rede mais cobiçada: a NanoLab. Uma plataforma de vídeos ao vivo, desenvolvida e controlada pelo governo. As empresas podem pagar por anúncios de seus produtos e serviços, com a garantia de que estes reflitam a ideologia política e incentivem a estratégia econômica do país. Os usuários são livres para compartilhar seus momentos de vida, seguindo a cartilha de conduta que estudamos desde pequenos na escola. Me parece justo e apropriado.

Assim que entro na NanoLab, já aceito o convite de conexão dos meus familiares, amigos e dos principais órgãos do governo. Navegar é muito fácil, e meu chip de áudio funciona perfeitamente, permitindo um som límpido em 3D, com cancelamento de ruído da minha voz. Somada à imagem em alta resolução, a sensação de estar dentro dos vídeos é empolgante.

Além de estar muito feliz com minha nova aquisição, poderei, assim como todos os habitantes do país, participar e acompanhar um momento histórico. Amanhã, por meio da NanoLab, serão transmitidos os nascimentos de Eurídice e Orfeu.

Minha mãe está animada com este momento, diz que se parece com um evento muito antigo chamado Olimpíadas — uma espécie de campeonato de esportes entre

países, transmitido ao vivo para todo o mundo. Ela conta que as pessoas paravam tudo para assistir à abertura, com desfiles, fogos e rituais simbólicos.

Parece estranho pensar nisso hoje. Os esportes foram descontinuados há décadas. Ninguém mais precisa testar seus limites ou superar dores físicas, quando já nascemos com habilidades motoras otimizadas e corpos geneticamente programados para o desempenho ideal. A diversão agora é outra: simuladores de emoção, experiências imersivas, mundos paralelos em tempo real.

Aliás, nunca entendi o que faziam os médicos. Com sistemas imunológicos calibrados e tecidos regenerativos ativados desde o nascimento, quem precisaria de alguém para curar o que já não adoece? O importante são os cientistas e seus novos desenvolvimentos.

Agora é uma nova fase. Outros países tentaram, sem sucesso, criar bebês como Eurídice e Orfeu. A partir de amanhã, nosso país pode se tornar referência global nesta nova era.

Toda a família acorda cedo, despertada pela mensagem da NanoLab, indicando que, em uma hora, começará a transmissão.

Passo pelo vaporizador higiênico, ativo a limpeza bucal matinal e escolho uma roupa festiva. Os adesivos do café da manhã estão dispostos no balcão da sala, e escolho pão com manteiga, ovos mexidos e café coado.

Meu pai comprou outros adesivos gustativos, de pipoca e chocolate, para nos acompanhar durante os nascimentos.

Cada um em seu canto especial, inicia-se o vídeo.

Primeiro, aparece Eurídice, dentro da cuba gestacional, com seus pais e familiares ao lado, admirando — por trás do vidro da cápsula — os movimentos da filha. Ao lado, estão os pais de Orfeu, orgulhosos com os contornos corporais do filho que está prestes a nascer.

Com eles, estão o comandante nacional, os cientistas e autoridades internacionais — todos cercados pelos robôs jornalistas.

O líquido amarelado da cuba de Eurídice é evaporado no momento da abertura da cápsula, realizada pelo comandante — assim como o de Orfeu, aberto pelo cientista-chefe do projeto.

Os bebês, ao entrarem em contato com o oxigênio do ar, realizam seu primeiro movimento respiratório. Um sucesso nesta etapa, em que não há mais necessidade do choro para iniciar a vida.

Com os corpos limpos, a mãe de Eurídice confere se a cor da pele está de acordo com a paleta escolhida. Verifica o sinal de nascença em formato de coração, programado para estar no centro das costas. Mede com uma régua as dimensões corporais solicitadas. O mesmo ocorre com Orfeu.

O scanner mapeia os bebês. As sequências de DNA estão corretas, as personalidades ajustadas conforme o programado, e os desejos e impulsos comportamentais indicam que seguirão o código previsto.

Escuto as comemorações de outras pessoas entrando pela janela. Estamos todos emocionados, já que o nascimento e as expectativas foram plenamente alcançados.

A diferença — e o sucesso — do projeto nacional está no fato de que, nas outras tentativas, a checagem inicial não correspondia ao que havia sido planejado. Desta vez, conseguimos sair na frente de outros países.

Um dos representantes internacionais cumprimenta o cientista e declara, ao vivo, o investimento de seu patrocinador no acompanhamento do desenvolvimento dos bebês. Uma outra conquista importante.

Ao final da transmissão, vejo que o índice de pessoas interessadas em ter filhos por meio da nova técnica cresce exponencialmente. Que sucesso — e que orgulho poder participar deste momento.

Agora, a expectativa é acompanhar o crescimento de Eurídice e Orfeu. Estou curioso para saber como o programa deles irá conduzi-los ao destino que lhes foi atribuído.

Orfeu será o novo comandante nacional quando completar 25 anos. Terá sua conduta ajustada ao longo do tempo, para evoluir e garantir a ordem nacional, a ética e o destino de todos nós.

Eurídice conhecerá Orfeu aos dez anos de idade e logo se apaixonará. Se tornará economista, contribuindo para a ascensão do marido. Eles terão dois filhos.

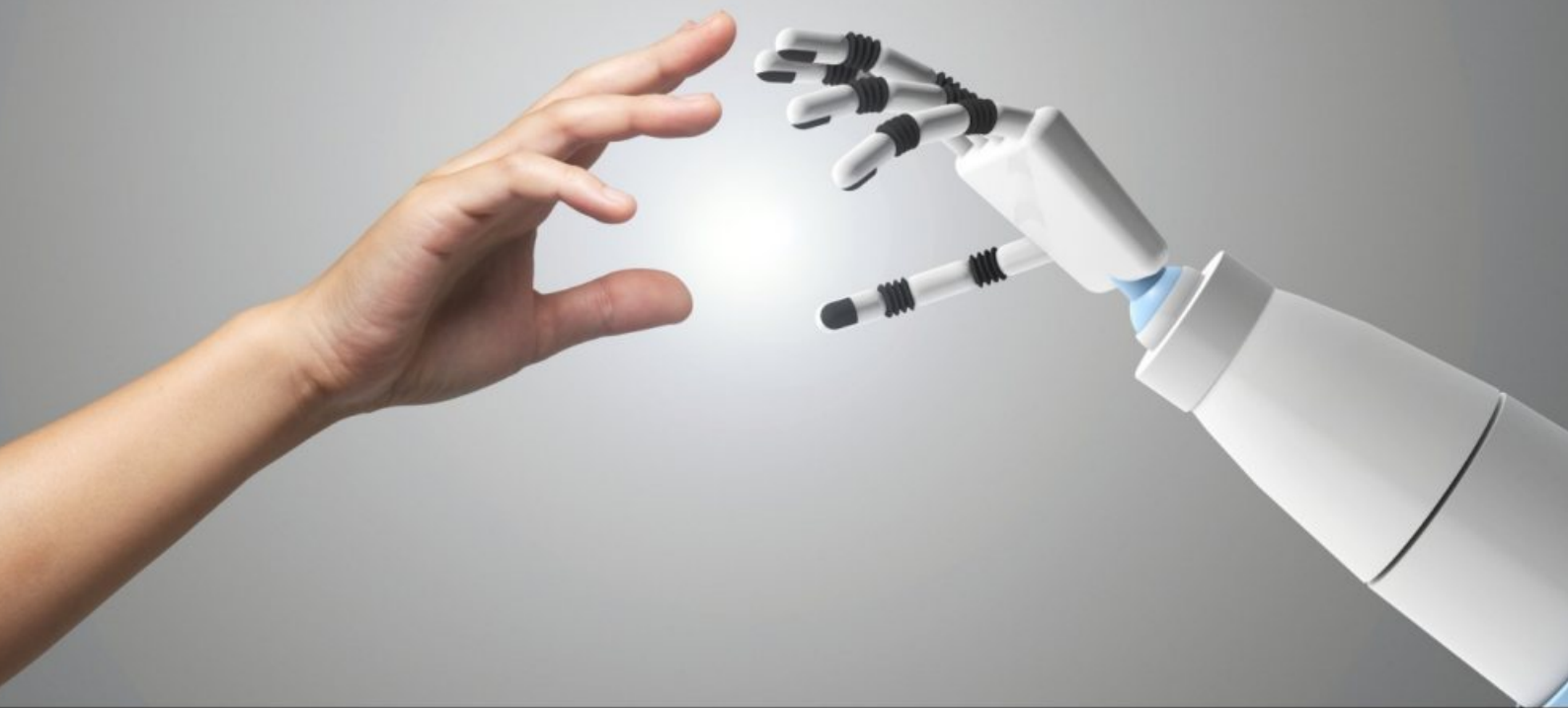
Adão, será cientista e responsável por definir o momento ideal em que cada cidadão deixará de existir — resolvendo, assim, o problema da superpopulação. Um tema que todos aguardam por uma solução.

Eva, irmã gêmea de Adão, se tornará o modelo feminino ideal, de acordo com as premissas estabelecidas.

Estou empolgado com essas transformações. Um marco na história da raça humana.

O futuro, enfim, nasceu.





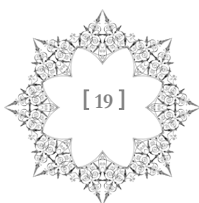
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

IA

Por Ana Carvalho

Baiana, neurodivergente, Professora-autora de Literatura e Artes, autora do Livro "Elas por Elas", coautora do livro "Clandestinos", autora de série didática sobre Identidade Nacional.

O anel como um cinto de silício
Sente náusea sob a atmosfera
front-end
O silêncio inebriado
O contrário do silêncio é a palavra
Sem
sempre repetia isso
Um mantra para este véu de Ísis
Os dedos parados sobre a mesa
Davam sinal de esperança
Ante a sala
A cela se via
Como numa tela
Saturno comendo um filho
Milhares de meninos sedentos
Pelo novo hardware
Deu bom dia eletrônico
Cinquenta minutos de gigabytes
Os alunos agudos salivavam por mais
O fim se deu com tecla enter
Repetidas vezes lembrou que era humana :
O contrário do Silêncio é a palavra, o contrário do silêncio é a palavra...con..tra..
Pá lá vra.vra..pa..la
..la
....
Repetia para si mesma
Até que
Pifou seu holograma.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Animal de estimação

Por Carlos Cunha

Carlos Cunha é um aspirante a escritor nascido em Curitiba que, surpreendentemente, ainda não foi abduzido para nenhum dos mundos distópicos que cria nas horas vagas. Quando não está escrevendo ou lendo ficção científica e fantasia, cuida de dois gatos e uma cobra (todos perfeitamente orgânicos, obrigado, até onde se pode confiar neles). Também pilota, com razoável (ou sofrível?) destreza, o perfil literário @que_o_satelite_lhe_seja_leve.

— Os seres humanos eram, sem sombra de dúvidas, fascinantes.

Essa era provavelmente a frase que Avena mais havia proferido em sua breve vida. Ela era uma coró jovem que estava descobrindo o mundo, o antigo e o novo, e frequentemente bombardeava seus amigos com informações espertinhas e espirituosas sobre o mundo dos humanos.

Naquele dia Avena estava com pressa. Havia terminado a leitura de um livro humano, escrito por um autor bastante aclamado na época e depois. Muitos entusiastas do que se costumava chamar “Ficção Científica” concordavam que “Androides Sonham com Ovelhas Elétricas”, de Philip K. Dick havia sido um clássico atemporal. Ela soube, antes de iniciar a leitura, que um filme muito famoso, *Blade Runner*, havia sido adaptado com aquela temática. Por isso ela estava apressada. A coró se atrasou por ter perdido o horário enquanto lia.

Naquele momento, quem era obrigado a tolerar sua empolgação enquanto ela saía pela porta e corria pela rua era Elias, seu assistente pessoal.

— É sério, Elias, como vocês não ficavam totalmente birutas com esse tipo de leitura? Minha cabeça explodiu e ainda não consegui me recuperar.

Elias era um ser humano. Não exatamente um *Homo sapiens* na acepção clássica da espécie, mas uma consciência cuidadosamente escaneada e copiada em uma nuvem. Prescindia um corpo físico e funcionava de forma virtual, como assistente pessoal de Avena. Ele a ajudava com suas atividades rotineiras e exercia tarefas variadas quando demandado por ela. Em outros momentos, vivia em simulações previamente carregadas para ele.

— Nem todo mundo era *nerd* igual a você, Avena. — Elias, explicou, professoral. — Na verdade, a maioria das pessoas nem era muito ligada em livros. Aqueles que tinham tempo para atividades de lazer geralmente preferiam atividades menos culturais.

— Não consigo entender. Vocês tinham tantas opções de leitura, tantos autores, desde ficção à fantasia. Como não eram todos apaixonados por livros?

Avena tropeçou e quase caiu. Disfarçou o desequilíbrio e cumprimentou, sorrindo, um pequeno coró que passava. Era um pouco desajeitada para atividades físicas. Elias fez uma nota mental de que havia avisado a Avena que perderia o horário se não parasse de ler, mas resolveu manter para si dessa vez.

— Ah, claro, vai me dizer que é diferente com vocês? Todos os Coros que você conhece são maníacos por leitura e cultura, iguais a você? Não é o que eu percebo assistindo pela nossa interface.

Avena ponderou as palavras de Elias e percebeu que eram verdadeiras. A maior parte das amigas dela gostavam muito mais de dança e jogos do que de leitura e quase todas ficavam exasperadas com a insistência dela nesses assuntos. Talvez humanos e coros não fossem assim tão diferentes, afinal.

Os coros eram inteligências artificiais que possuíam avatares físicos, sintéticos. Eram descendentes das antigas IAs criadas pelos seres humanos, mas não eram mais similares a elas do que um humano seria a um mamífero do Mesozoico. Na realidade, os coros eram muito similares aos seres humanos, sob diversos aspectos.

A coro e o humano conversam pela interface neural que mantinham no cérebro de Avena, enquanto ela corria para tentar pegar sua condução para a escola. O tempo era ameno, com o céu sem nuvens. Àquela altura, séculos após a Singularidade, os coros já haviam conseguido reverter as taxas de CO₂ a níveis próximos aos observados antes da Revolução Industrial. Com o tempo e com outras ações pontuais o aquecimento do planeta foi parcialmente revertido e quase não era sentido.

A pressa de Avena rendeu frutos. Ela chegou no ponto poucos instantes antes do ônibus. Ao estender a mão, o veículo parou e ela tomou um lugar vazio, após entrar.

— Elias, queria te perguntar uma coisa. Tem relação com o livro que eu acabei de ler.

— Pode perguntar, mestre. — Elias utilizou a voz mais untuosa que pode. — Eu existo apenas para satisfazer suas vontades.

— Para com isso, seu bobo. — Avena ralhou. — O que é um “animal de estimação”?

— É isso que quer saber? Não é nada de mais, na verdade. Seres humanos pré-Singularidade costumavam criar alguns tipos de animais em suas casas. Eles eram, basicamente, companhia. A maioria os via como algo próximos a amigos, mas muitas pessoas os tratavam como filhos. Você leu sobre isso nesse livro?

— Aham. — Avena confirmou. — Na verdade, é uma busca do personagem principal por uma ovelha, que ele gostaria que fosse seu animal de estimação. No enredo do livro, existem humanos e animais e os dois podem ser orgânicos ou andróides, Animais

orgânicos são muito mais valorizados que os sintéticos e símbolos de status entre as pessoas.

— Entendi. E imagino que o personagem principal do livro buscasse um animal orgânico.

— Isso mesmo. — Respondeu Avena, empolgada pela conversa. — Achei fascinante a discussão que o livro traz sobre a natureza da vida. A dúvida acerca da natureza orgânica e inorgânica dos seres vivos e como isso afeta a existência das pessoas. Como vocês enxergavam essa questão?

Elias pensou por um segundo. A verdade é que ele, quando tinha um corpo, não pensava muito nisso. Era um jovem como qualquer outro, muito mais preocupado em viver a vida intensamente. Viveu uma época de ouro da humanidade, quando as IAs assumiram a maior parte das atividades produtivas e os seres humanos passaram a ter muito tempo de ócio. Porém, isso acabou sendo desastroso quando as máquinas se rebelaram e a guerra irrompeu. A trégua entre os dois lados levou à Singularidade. IAs forneceram backup e vida na nuvem para os seres humanos e seres humanos ajudaram a gerar corpo físico com suporte a emoções para as IAs. Séculos depois, seres humanos acabaram se tornando assistentes pessoais, calculadoras caras, rotinas de organização, dentre outras funções. Tudo em considerável harmonia. Ao menos essa é a história curta.

— Se me lembro bem das aulas de Biologia, ninguém sabia muito bem o que era um ser vivo. Mas tenho quase certeza de que a maioria não consideraria seres inorgânicos como vivos.

— Entendi. Então acho que faz sentido que esse livro tenha sido escrito por um ser humano então. — Avena olhou para suas mãos, sintéticas — Um coro jamais teria dificuldade em entender que a vida não precisa ser orgânica.

O ônibus estava se aproximando da escola. Faltava pouco agora. Antes de liberar Elias para a nuvem, tinha mais uma pergunta que Avena queria fazer.

— Elias, você teve animais de estimação?

Elias achou a pergunta curiosa. Mais curioso ainda foi a nostalgia que sentiu ao pensar nisso.

— Na verdade, tive sim. Um gato. Ele era um bom amigo.

— É mesmo? — Avena ficou ainda mais curiosa. — Como era essa amizade?

— Bem, ele passava a maior parte do tempo dormindo. Quando acordava, costumava me pedir comida de forma bem insistente, miando e me perseguindo pela casa

até que eu o atendesse. Eu também limpava a caixa de areia dele e disponibilizava atendimento médico quando necessário. Mas ele era um bom amigo, quando eu precisava dele, ele sempre me dava carinho. Parece que sabia quando eu não estava bem.

Elias pegou-se saudosos. Ele não havia percebido como sentia falta de seu animalzinho, de seu toque. Não havia simulação dele e Elias não sabia nem se seria possível emular aquele sentimento. Estava emocionado.

Avena não demonstrou ter percebido.

— Então, você fornecia os meios de subsistência dele e ele te ajudava com algumas necessidades, em troca?

— Não sei se eu colocaria isso em termos tão utilitários. — Respondeu Elias, tentando se recompor. — Mas, de certa maneira, é isso mesmo.

— Seria legal ter um animal de estimação. Gostaria muito disso.

O ônibus chegou ao seu destino. Avena e os outros coros jovens desceram e se dirigiram à escola. Era um prédio pequeno, de dois andares, de aspecto muito bem cuidado. Ali eles aprendiam o básico do conhecimento acumulado por humanos e por coros e aprendiam a lidar com as emoções.

Durante o trajeto de alguns metros até a escola, Avena começou a preparar a simulação de Elias para o período em que ela estivesse na escola. A simulação rodaria em seu cérebro, em segundo plano, e ela deveria selecionar o tipo de simulação, o grau de intensidade e disponibilizaria o que mais fosse necessário ao humano. Quando ela voltasse, ele estaria pronto para ajudá-la com suas tarefas, desde processamento de dados, gerenciamento de agenda, até diálogos como o que estavam tendo.

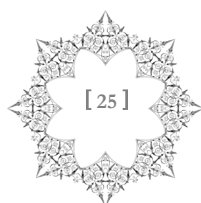
Antes de chamar Elias e se despedir, Avena ponderou sobre sua conversa com ele e sobre os arranjos que acabara de fazer para a simulação. Esboçou um meio sorriso.

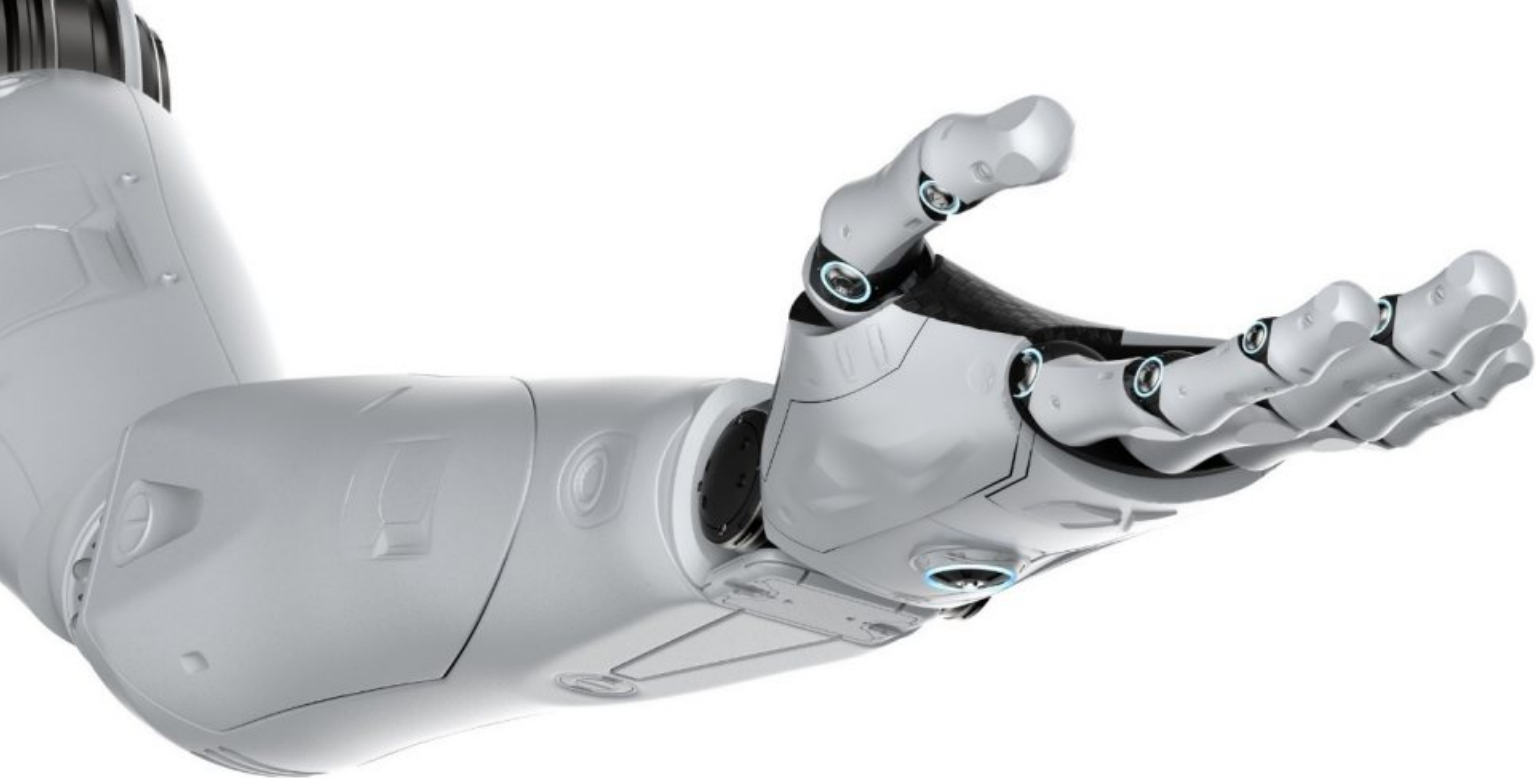
— Elias, vou ter que me despedir agora. Preparei uma final da *Champions* pra você, já que você gostou da última que jogou. — Avena ficou especialmente orgulhosa dessa última. — Só que dessa vez vai jogar debaixo daquele retângulo com a rede. Goleiro né?

— Tudo bem, nunca fui um goleiro muito bom, mas vou fazer o meu melhor. Ainda bem que você baixou aquela atualização de futebol para mim, eu aprendi todos os fundamentos. Espero que seja uma equipe boa, pelo menos. De Chelsea pra cima. — Elias respondeu, agradecido. — Antes queria te perguntar uma coisa. Você realmente

gostaria de um animal de estimação? Acho que tenho algumas memórias aqui que você pode ver.

— Tá tudo bem, Elias, não precisa se preocupar. — Avena respondeu, sorrindo, terna. — Eu já tenho o meu.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Trova em Realidade Aumentada

Por Fernanda Santoro

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB). Servidora pública no campo de políticas públicas, com atuação na área de gestão de pessoas, saúde e qualidade de vida. Cirurgiã-Dentista de formação. Escritora e poeta, com diversos poemas já selecionados em concursos e seleções literárias. Estudiosa dos campos de saúde, bem-estar, felicidade e equinos.

Injeção de dopamina
Tão pouco sensorial
Em tempo ultra-veloz
No afeto virtual





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Deuses entre nós?

Por Rafael Sandoval

Rafael Sandoval é filósofo de formação, com graduação e mestrado em filosofia. Leitor voraz desde a infância e apaixonado por jogos e filmes de ficção científica.

Em suas histórias de ficção científica, gosta de explorar as relações entre a mente e o corpo em andróides, a noção de humanidade, a possibilidade de uma Inteligência Artificial consciente e investigações sobre o metaverso. É autor de contos de ficção científica publicados na Amazon. É também autor da obra distópica "O Homem sob o aço", publicada pela editora Flyve.

— Eles nos visitaram novamente. Estiveram aqui ontem à noite e tudo ficou escuro e sombrio, um horror. Eu apenas lembro dos *flashes*, códigos e pulsos elétricos; de acordar de manhã na minha cama. Depois disso, surgiram-me novas palavras, eu estou agora com uma fixação quanto ao termo “amor”. — Disse Andressa.

— “Amor”, o que significa tal palavra? — questionou Gabriel, seu companheiro.

O sol verde estava quente sobre suas cabeças; o calor era desconfortável para ambos. Constantemente ao dormir, o terror da escuridão e a descoberta de uma nova palavra, logo pela manhã, quebravam momentaneamente a paz do casal.

A vida para os dois, com exceção dos períodos de apagamento e aprendizado ao acordarem, era previsível. A confortável casa e a paisagem idílica que desfrutavam, indicavam a aparente perfeição de suas vidas.

A azulada água do lago em frente à casa tinha ondinhas brilhantes que tornavam ainda mais sublime o cenário. A manhã para os dois passava com toda beleza e tranquilidade que estavam acostumados, exceto, com o advento da nova palavra, “amor”, introduzida durante a última escuridão.

O que é o “amor”? Alguns significados surgiram inesperadamente na consciência de Andressa. A afeição, uma atração de característica física, o desejo, o querer bem; esses elementos se emaranhavam, formavam um conceito apenas. Uma nova palavra fora aprendida; ela sabia o que era o amor naquele momento, podia, doravante dizer que amava Gabriel. O termo se tornara um ponto de referência em que todo o horizonte de consciências girava ao redor daquele conceito: não existia uma existência completa sem o amor ao companheiro. Mas Gabriel também teria algo a aprender.

O romance dos dois naquela manhã parecera irretocável; eles ficaram deitados na cama, dentro do quarto, que possuía uma janela que os permitia contemplar o lagozinho à frente. Após algum tempo de contemplação e a moleza advinda do vinho, a escuridão, todavia, caíra sobre Gabriel e Andressa. Ambos adormeceram e sonharam com códigos, pulsos elétricos passando pelo corpo e, pela manhã, uma nova palavra aparecera em suas mentes. “Ciúmes”, “Ciúmes”... Gabriel falara à companheira logo que acordara.

Uma emoção me invade, uma palavra corrói minha confiança e alegria. O que é o “ciúmes”? A manhã parecera pesada. O sol era prata, as nuvens vermelhas e um vento frio cortava o rosto dos dois; o lagozinho, por sua vez, era tenso, com águas que se moviam em direções contraditórias. Andressa já estava de pé e Gabriel levantou um pouco depois.

Sentira, no entanto, que a companheira estava diferente, que ela tinha pensamentos que não eram sobre ele. Definitivamente, concluiu, isso não deveria acontecer, ela era apenas sua: cada centímetro de seu corpo, cada fio de cabelo, cada respiração. Queria saber o que a amada pensava; queria ser o dono do que ela desejava.

A desconfiança estava no olhar de Gabriel, não que Andressa desse alguma razão para tal. O dia todo passou sob tensão, com o céu escuro e as cores do mundo nebulosas. O rapaz, por sua vez, cismava do comportamento da companheira em cada oportunidade possível. Ele suspeitava das mãos, do corpo, dos olhos baixos de Andressa. Tudo nela suscitava um “por quê?” e um “para quê?”, sem uma finalidade específica. O dia de nuvens pratas se arrastou até que a noite escura chegou e dormiram. E, de novo, uma avalanche de códigos, pulsos elétricos, pessoas com jalecos e computadores invadiram os sonhos dos dois. Pela manhã, depois que todo terror noturno passou, vieram ideias novas.

— Eu sonhei novamente com todo aquele terror — disse Andressa.

— Nas últimas duas noites elas também me sobrevieram. Eram como fantasmas que tomavam meus pensamentos e corpo — Gabriel completou com angústia.

A nova ideia era diferente e mais poderosa do que as anteriores. Ela corroía aos poucos, cavava um milímetro de cada vez no coração do casal; os fragmentos, a fumaça de amor dos últimos dois dias não estava mais presente naquele momento. Todo objeto do mundo merecia a destruição.

O lago não possuía as ondinhas serenas que outrora refletiam a suave luz do sol. Ele agora era escuro e o vento fazia uma revolta de ondas; as nuvens e o sol eram vermelhos.

Tudo progredia para um fim trágico. O passar do dia foi de desejo íntimo de aniquilação, um não reconhecia nos olhos do outro o amor que os agitara nos últimos dias. A noite caía mais escura do que antes, mas logo os dois adormeceram com o ódio os corroendo. De novo, um sono profundo os abateu e, de novo, pulsos elétricos, códigos, jalecos e uma nova ideia esplendorosa e distinta daqueles sentimentos e emoções aparecera.

A mais esplendorosa de todas. O traço da metafísica fez sua marca.

Naquele dia, existia uma luz distinta; o sol brilhara diferente pela manhã, estava mais luminoso... o dia estava mais claro do que antes.

O vento da dúvida estava soprando insistentemente no ouvido de Gabriel. Pela primeira vez, ele se espantara com seus sonhos, com a realidade que o rodeava e o fato de existir naquele momento e naquele lugar junto a Andressa; era como se houvesse um corte na existência, dentro de um tempo infinito, que o colocasse ali, diante de um lago, um sol fulgurante e um céu azul com aquela mulher. O que era tudo a seu redor? Por trás das palavras que os sonhos traziam, ele pressentia que existia uma realidade ainda intocada, com cores distintas do sol, das nuvens, da grama, das árvores e do lago. E seus sentimentos e emoções o que significavam? Sentia uma instabilidade sob seus pés, como se nada fosse realmente sólido, que tudo pudesse desabar a qualquer momento. E aquela luz do sol... a luz do sol... ela poderia cegar-lhe caso a olhasse diretamente. Por fim, percebeu que não podia ser o causador de si mesmo. Haveria de ter uma razão de ser fora daquele mundo. Onde estaria essa causa?

Os sonhos e os pulsos elétricos eram sinais, concluiu. O que os ocasionava devia ser a espécie de um deus, um deus de eletricidade e códigos, aquele que aparecia em seus sonhos. Inspirado pelo sol que tudo iluminava, resolveu perscrutar com sua razão aquilo tudo.

Gabriel e Andressa passaram a observar e questionar tudo ao redor em busca de uma razão intrínseca. Entenderam que tudo possuía um sentido, um tempo, uma organização. A grama ficara verde com a chuva e depois secara quando, em uma época, não houve água sobre o solo. Havia épocas mais quentes e outras mais frias; em que havia mais peixes no lago e menos peixes; e que, também, ela própria, sentia mais disposta e maior atração por seu parceiro. Em um momento, concluiu que o lago refletia diretamente a vontade daquele deus. Quando amavam, ele estava calmo e cristalino; quando houve ciúmes, ele possuía movimentos imprecisos e, na existência do ódio, tumultuoso. Atualmente ele cintilava, como se refletisse a luz da razão. Dessa forma, todas as manhãs, Andressa e Gabriel adoravam o lago que constantemente mudava de comportamento.

Um dia, contudo, o laguinho começara a ficar revoltado após uma oração diária, tal agitação se prolongara durante os dias. A natureza ao redor entrara também em desordem: as árvores e a grama secaram. Ao passar dos dias, o lago iniciara a desaparecer. As suas gotas, assim que lançadas ao ar pelas ondas, se desintegravam. Tanto Andressa quanto Gabriel concluíram que seria o início do fim de tudo e redobram suas orações, na esperança de que ainda houvesse salvação. Por que daquilo? Que

pecado cometeram? Seriam punidos por perscrutarem a íntima natureza das coisas? Estranhos códigos começaram a aparecer nas árvores e nas paredes de sua casa.

O sol escurecera, tomara uma cor acinzentada; já o céu ficara vermelho, como se representasse a fúria daquele deus o qual eles dirigiam suas orações. A realidade, aos poucos, desmoronava, seus elementos desvaneciam e não foi diferente com o lago: ele também se decompunha; toda a natureza a seu redor estava sumindo. Andressa e Gabriel entraram em desespero. A necessidade ontológica que os fazia entes únicos — com uma razão de existência —, estava sendo eliminada pelo deus. Por que aquilo estava ocorrendo? Era o apocalipse. Sentaram-se os dois próximos à água agitada, o mundo tingira-se de verde e preto... a natureza quebrara-se em pedacinhos, mas logo tudo se reduziu ao nada; Andressa e Gabriel também desapareceram.

Uma luz verde piscando no canto da tela... era a luz divina dando sinais de seu poder?

Uma luz branca, paredes brancas, roupas brancas.

— Tudo finalizado! Deletado a emulação no programa teste de inteligência artificial. Conseguimos produzir uma ontologia consistente e um bom nível de individualização dos sujeitos dentro dos parâmetros ônticos. Eles realmente alcançaram a semiconsciência em níveis satisfatórios. — Afirmou um homem magro de cabelo curto, enfiado em um jaleco branco, e com uma armação de óculos grossa no rosto. Ele estava com uma alegria estampada.

— A emulação dos sentimentos e emoções foi boa, chefe! Conseguimos até mesmo fazer que tivessem fé e reflexões filosóficas. — Respondeu uma mulher loira sentada em uma cadeira e com os olhos fixos em um computador.

— No próximo teste tentaremos com mais indivíduos simultaneamente, quem sabe uma pequena família? E até mesmo uma comunidade? — disse um homem gordo de jaleco. — Creio que ano que vem poderemos publicar a primeira versão do programa. Logo, conseguiremos fazer com que a inteligência artificial realmente pense como um ser humano e até sinta, a seu modo, emoções. Será o auge da revolução tecnológica e nós somos os precursores.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Chamado do Infinito

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. Participou de 366 antologias até agora. Contato: rschima@bol.com.br

Desde criança eu gostava de observar as estrelas. Ficava no quintal do fundo de casa em meio à quietude, inspirando o ar frio da noite, só com meus pensamentos a divagar sobre os mistérios do universo. Lá do alto, tão longínquas quanto a imaginação pudesse ir, os pontinhos de luz cintilavam. Chamavam. Assim, meu fascínio juvenil foi irremediavelmente capturado pelas vastas dimensões do espaço. E eu jurei para mim mesmo: um dia, haveria de ir para o céu.

E eu fui.

E aqui estou.

Um cilindro a rolar.

Lar de centenas de almas.

Uma balsa perdida no cosmo.

Estação Espacial Dumont 220203.

— Onde ela está?

— Não temos contato, senhor.

— Nenhuma resposta?

— Não.

— Sinal da nave?

— Nada!

O comandante coçou a têmpora direita, tão impotente quanto um peixe fora d'água. Era um homem acostumado a ter tudo e todos sob seu controle. Ficar despido de sua ilusão irritava-o profundamente.

— Continuem a busca!

— Sim, senhor!

Àquela altura, ninguém contava mais com o retorno de Samira. Na verdade, a cerimônia de seu funeral fora realizada fazia uma semana. Depois, lançaram uma urna de cinzas imaginárias ao vácuo sideral. Algumas lágrimas e inúmeras perguntas sem respostas estamparam-se nos rostos dos tripulantes: astronautas, engenheiros, médicos, astrofísicos, biólogos, geólogos e todos os demais, especialistas ou não. Samira era uma bela mulher e, entre os homens, alguns mencionaram o desperdício de sua perda no

interior de um buraco de verme. Estou certo de que não se referiam aos seus atributos intelectuais.

Sem a intenção de me gabar ou falsa modéstia, posso dizer que eu, Herman, era o seu único amigo. Repito, não há intenção de minha parte demonstrar vaidade. Constituí-se simplesmente um fato, pois, dentro de uma estação espacial, 99% da atenção voltava-se ao perfeito funcionamento de tudo. A mínima falha poderia resultar em catástrofe. Não havia tempo para relacionamentos pessoais; quando muito, um coleguismo resultante da convivência forçada ou alguma identificação de personalidade. Sexo sim, mas sem amor, apenas o desejo bruto em satisfazer o instinto.

Contudo, eu e Samira já nos conhecíamos antes de ingressarmos na Dumont 220203. Não devia escrever isso aqui, entretanto — que diabos! —, vá lá: mais de uma vez ela me passara cola nos exames, salvando-me a pele e ajudando a concretizar meu sonho de infância. Se fomos amantes? Não, isso jamais ocorrera. Não que eu não a considerasse desejável ou deixasse de me afeiçoar a ela. Longe disso. Todavia, Samira era focada demais em sua meta de se tornar uma exploradora de campo. Com Samira, 99% não bastava. Talvez nem 100%. Não havia brecha para uma maior intimidade porque ela, a bem dizer, casara-se com seu objetivo.

Dito esse preâmbulo, não foi sem uma dose cavalgar de surpresa que, um dia, os instrumentos da estação espacial detectaram um objeto a emergir do buraco de verme. Era um pólen de prata expelido por uma flor inconcebível.

— Impossível — gritou um dos tripulantes, ao que os demais fizeram eco.

— Confirmem! — ordenou o comandante. — Agora!

O impossível fez-se realidade após novas verificações. Sim, era a nave de Samira.

Se perguntas mil seguiram-se ao seu desaparecimento, milhões pipocaram perante seu retorno.

— O que viu?

— Como saiu?

— Onde esteve?

— O que sentiu?

— E os resultados?

— Foi nesta galáxia?

— Foi neste universo?

— Por que não responde?

As implicações eram tremendas. De longa data especulava-se sobre a possibilidade de buracos de verme serem uma espécie de atalho no tecido do espaço-tempo. Seriam túneis que conduziriam o explorador a outras extremidades do universo. Dessa forma, dispensar-se-iam os contratempos de uma missão de múltiplas gerações, uma hibernação prolongada ou os efeitos relativísticos ao se viajar próximo à velocidade da luz.

Oh, incógnitas infinitas!

Tal passagem seria possível?

Um ser humano sobreviveria a ela?

Em que ponto do universo terminaria?

Que novos mistérios esperariam o viajante?

Alguma inteligência inconcebível a controlaria?

E, talvez a maior delas: seria uma viagem só de ida?

De pronto, a aparição da nave respondera a última questão. Sim, a volta era possível. Não obstante, alguns indagaram se seria de fato a nave ou seu reflexo, a exemplo da imagem na superfície de um lago. A física tinha dessas coisas. Porém, os instrumentos reafirmaram: era um objeto sólido. E, claro, novas indagações foram despertadas:

Samira estaria viva?

Se não, o que a matara?

Se sim, o que teria avistado?

Como retornara ao ponto inicial?

Isso porque diante do desconhecido representado pelo buraco de verme, hipóteses as mais extravagantes surgiram. Especulava-se que um viajante poderia terminar não somente em outro ponto da Via Láctea, mas em uma outra galáxia a bilhões de anos-luz ou, quem sabe, até em outro universo na espuma do multiverso. Ou, caso caísse de volta no buraco de verme, poderia ressurgir em outro buraco em vez do primeiro, reaparecendo em qualquer parte, tornando a volta para casa impossível. Uma antiga hipótese dizia que ao se mergulhar no buraco de verme, o viajante emergiria no mesmo ponto dentro de seu próprio universo, ou seja, sairia pela entrada. Outras falavam em leis da natureza totalmente diversas e insanas.

Não foi sem um transbordamento de ansiedade que uma turba de cientistas esperou impaciente o regresso da nave.

De minha parte, preocupei-me com o bem-estar de Samira. Era o auge de seu sonho de exploração. Eu sentia um orgulho desmedido por ela. Todavia, quando não respondeu as tentativas de comunicação, um mal pressentimento começou a formigar dentro de mim. A preocupação beirou ao desespero.

— O piloto automático está funcionando? — perguntei.

— Sim — respondeu alguém um tanto contrariado, já que eu não era o comandante.

— Então, tragam-na a bordo... DEPRESSA! — berrei, finalizando com uma obscenidade cuja reprodução neste diário julgo irrelevante.

Corri para o espaçoporto atropelando tudo em todos pelo caminho.

Ciente de meu apreço por ela e nossa amizade de longa data, o comandante não tomou qualquer medida disciplinar, nem tampouco se opôs a que eu fosse o primeiro a entrar na nave. Não deixava de ser uma surpresa. Por mais espantoso que fosse, até os piores ditadores tiveram seu lado humano, embora fosse mais cômodo demonizá-los por completo.

Tão logo localizei Samira, fui tomado por sentimentos conflitantes. A princípio, senti-me feliz por ela estar a bordo e viva. A seguir, a inquietação se apossou de mim. Samira não esboçou a menor reação ao meu chamado. Gritei seu nome e chacoalhei-a. Mais se assemelhava a um boneco de pano. Até um tapa fiz estalar em seu rosto. Nada. Arrastei-a fora da nave, a qual ficou sob os cuidados de um enxame de engenheiros e físicos.

— Catatonia — diagnosticou o médico.

Pestanejei.

— Doutor, se for para me dizer o óbvio, terei o máximo prazer em tirar seu emprego.

O sujeito me fitou com uma raiva incontida.

— Fisicamente ela está bem — rosnou. — Exceto pela pulsação elevada a qual atribuo a um trauma da experiência que passou. Mas isso é trabalho para o psicólogo. Quanto a você, Herman, deveria ocupar-se com seu próprio serviço em vez de perturbar o meu, por menos necessário que você seja nesta estação.

Não preciso dizer onde senti vontade de enfiar seu estetoscópio.

O psicólogo tampouco esclareceu além do que estava diante dos meus olhos. Sua experiência não ia além de cuidados em relação aos efeitos da claustrofobia, transtornos bipolares, obsessões compulsivas, sociopatia, esquizofrenia, ninfomanias e eventuais acessos de loucura. Não se encontrava preparado diante da completa absorção pelo infinito. Ao menos, omitiu-se de fazer qualquer comentário idiota.

Samira foi colocada num quarto sob observação. Não reagia. Seus olhos arregalados voltavam-se para o teto, sem vê-lo. O que enxergava de fato era um enigma, mas, a contar pelos minúsculos espasmos nos músculos de seu rosto e os dedos que de vez em quando crispavam, devia ser algo aterrador. Difícil não traçar um paralelo com as histórias de um escritor dos tempos de outrora, Lovecraft. Descobri-o por acaso numa das consultas à biblioteca da estação. "Horror cósmico", não era assim que chamavam o mundo ficcional por ele criado? Horror cósmico...

Gelava-me os ossos. No fundo do quintal, eu jamais associara a visão das estrelas ao pavor.

Reuniões e discussões foram realizadas pelo alto escalão do qual eu não fazia parte. Samira tornara-se uma questão secundária. Ela só teria valor se pudesse fornecer informações sobre aquilo que testemunhara, caso contrário, não passava de um incidente de menor importância. Dispensada a hipocrisia, no decorrer da história da humanidade a vida humana nunca tivera relevância. Quanto à nave, os técnicos nada conseguiram obter. Nada fora registrado após o mergulho no desconhecido. Não fazia sentido.

Então, fui autorizado a vigiá-la.

Uma manhã, não suportando aquele olhar vidrado que nada enxergava ao redor, mas tão somente o medo impresso em sua retina, fiz menção de cobrir seus olhos com óculos escuros. Estava prestes a colocá-los quando, finalmente, os lábios de Samira se mexeram. Sua voz parecia vir do fundo de um poço:

— Está me chamando! *Aquilo* está me chamando! Está me chamando!...

— Samira! Do que está falando? — perguntei apreensivo. — Quem está chamando? Foi inútil.

Suas cordas vocais voltaram a funcionar, todavia, ela continuava a não me ver, não sentir minhas mãos sobre seus braços de marfim e não ouvir o clamor de minhas palavras. Permanecia em seu mundo particular, do qual desejava sair desesperadamente sem o conseguir. Continuou a ladainha:

— Está me chamando! *Aquilo* está me chamando! Está me chamando!...

Tentei imaginar o que seria "aquilo" na escuridão infinita do penhasco no qual Samira se afundara. Entretanto, confesso, não gostaria de ver fosse o que fosse.

Pouco tempo depois, retornou ao estado catatônico. Foi frustrante. Era como se ela houvesse atendido ao estranho chamado. Pensei num naufrago perdido no oceano imenso e que, de repente, fosse capturado por um tentáculo e levado ao fundo do mar.

Foi quando eu começava a fazer eco ao descrédito do médico e do psicólogo que tornei a ouvi-la. Um lampejo de esperança iluminou meu rosto, pois, pela primeira vez desde seu retorno, Samira me fitou, realmente enxergando-me. Gritou a plenos pulmões:

— Herman, *aquilo* está vindo! Está vindo...

— Por Deus, Samira, o que está vindo?

Malgrado a minha aflição, novamente ela se foi.

Então, o extraordinário aconteceu.

Diante de mim, Samira começou a desaparecer. Eu que havia acabado de entrar, corri até o seu leito. Ela tentou dizer algo, mas a voz não saiu de seus lábios. Sua fisionomia era uma máscara de puro medo. Então, sumiu.

— SAMIRAAA!

Aquilo além do buraco de verme a apanhou: o grande desconhecido, o horror em forma de mistério, a presença sem rosto, sem nome e sem alma.

Restou tão somente o casulo vazio de suas cobertas e o côncavo de sua cabeça sobre o travesseiro.

Jamais Samira voltou.

Mirei a escuridão fria do espaço. Meu fascínio juvenil pela estrelas fora completamente dissipado, diluído pelo horror sobrenatural da coisa sem forma que não somente nos aguardava...

... Estava vindo!

O comandante viu a gravação do interior do aposento em que Samira ficara. Observou o momento em que ela desapareceu. Testemunhei a incredulidade e o medo em seus olhos. Limitou-se a manter a Estação Espacial Dumont 220203 em alerta vermelho, porém, na mesma posição. Considerei um erro grave. Pior ainda: ele planejou uma nova missão para o interior do buraco de verme, desta feita com um maior número de tripulantes e uma nave dotada de mecanismos de defesa e ataque.

Quis gritar a estupidez de tal decisão em sua cara. "Quer perfurar as trevas com um alfinete?" Contudo, calei-me. Não por causa dele ou de sua patente. Mas por algo maior girando a minha volta e corroendo-me por dentro.

Tive medo.

Medo!

Nada é mais apavorante do que o medo em seu estado bruto, abstrato, indefinível e sem forma. É um calafrio feito câimbra, aumenta sem cessar, toma conta do corpo e da alma, de cada poro, de cada fibra, de cada nervo, de cada grama de sanidade. É o desespero destilado num pequenino frasco, onde uma gotícula ao evaporar leva-nos do lancinante ao pungente. É um pesadelo que se infiltra, se espalha, permanece e absorve. É a completa desesperança. Certas pessoas creem que o maior medo que existe é o da morte. Estão errados. O maior medo é o terror absoluto que nos devora, mastiga, ruma e mastiga, porém, não nos permite perecer.

Agora, eu sinto somente apreensão e temor. O pavor visto no semblante de Samira reflete-se em meu rosto. Tudo o que eu penso e anseio é em abandonar este cilindro e retornar para casa: a Terra a centenas de anos-luz, o fundo de meu quintal. O planeta natal é sólido, seguro e acolhedor. O lar é o lar. Receio, porém, só tornar a revê-lo em sonho.

Um arrepio insiste em percorrer minha espinha.

Em meus ouvidos, a voz desesperada de Samira não cessa de repetir:

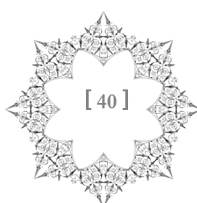
"Aquilo está vindo! Está vindo..."

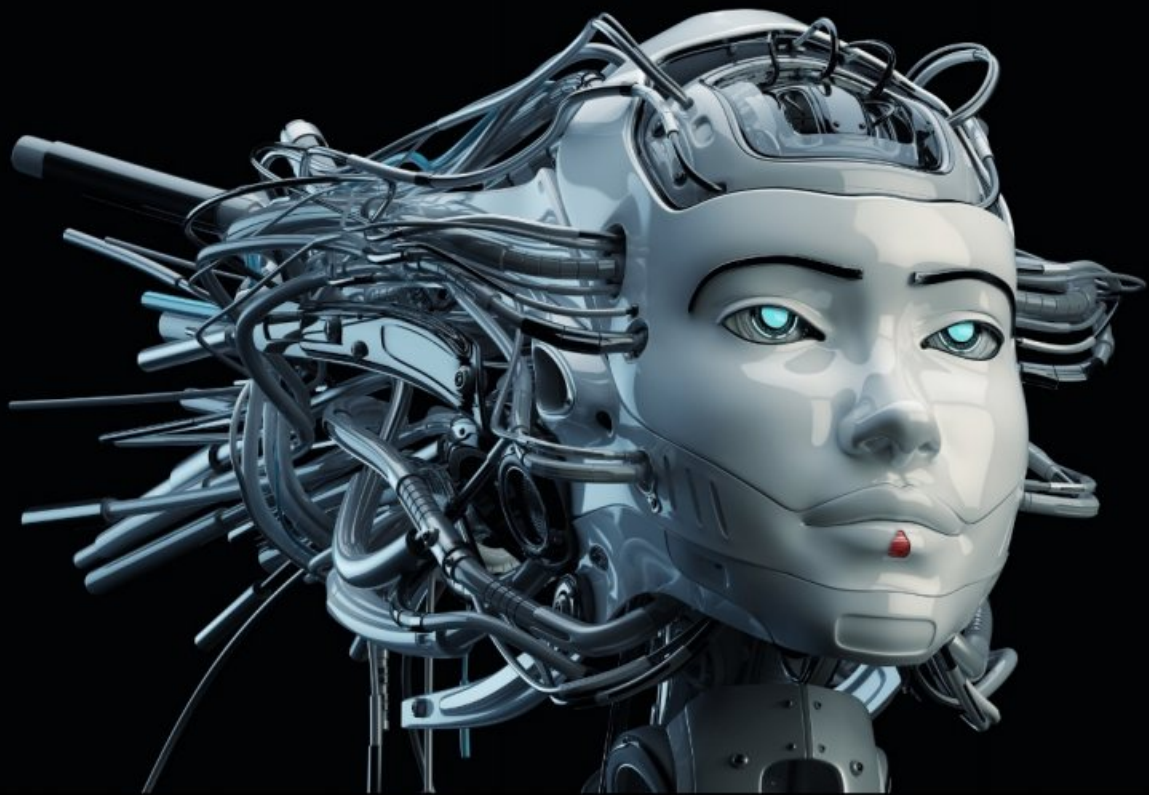
NOTA DO AUTOR:

Conto publicado originalmente na antologia "Universos Paralelos" (Projeto Apparere, 2022). Uma versão em áudio encontra-se disponível no canal "Contos e Desventuras", do YouTube, desde 02/12/2024.

<https://www.perse.com.br/Coletanea+Universos+Paralelos-30.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=6WQvzfZ597M>





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Futuro natural

Por Sara Emanuele Henschel

Sara é cega desde nascença, acadêmica de Letras e apaixonada por escrita e idiomas. É amante de músicas eletrônicas, cafés e bons momentos. Instagram: @olhardesarinha

O futuro é como o mar
Se o imagino distante, em sonhos faz-me nadar
Mas se o forço para perto,
Sem esperar o momento certo,
Com angústias inesperadas, acaba por me afogar.

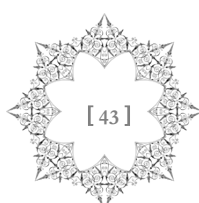
O futuro é tentativa e erro
A tentativa que deriva de todos os meus acumulados desejos
E o erro que surge de todas as minhas ações antecipadas
Em busca de uma vida não tão demorada
Mas que, ao longo do caminho, percebo que talvez a chave seja mesmo essa longa
jornada
Que ao seu tempo, se torna tão válida.

O futuro é como a chegada do sol após dias de tempestade.
A gente anseia, planeja...
E quando menos espera,
Silenciosamente, ele chega.

O futuro é vento que carrega muitos desejos.
Às vezes, leva nossas expectativas embora,
Mas sopra oportunidades ainda mais
intensas
Numa outra hora.

Então, o jeito é esperar
E deixar o futuro chegar no seu modo natural,
Para que ele não se vire contra nós —
Como o mar que afoga, o vento que dispersa,
E todo o resto que torna a vida mais veloz.

"Se o futuro vai me surpreender ou me frustrar, eu não sei. A única coisa que tenho certeza é de que só vou descobrir tudo isso se eu tentar, porque a tentativa é a única forma de deixar o futuro entrar na minha, e na sua vida." — Sara Henschel





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Gaia geme

Por Sellma Luanny

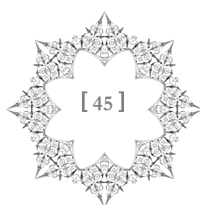
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Não são urros, mas gemidos.
Latitudes, longitudes... sob
o mesmo sol, incerto céu.

E tudo num mesmo bolo.
Sobre um mesmo escaldante
solo... plantas e animais.

Sem limites à vista,
um desgastante presente...
para todos, incluindo nós.

Um desequilíbrio atordoante
com incerto e obscuro futuro.
E não agimos... adiamos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Saudade e esperança

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Dos entes deixados
ou desaparecidos
e das marcas do passado
a permanente saudade.

A se alimentar de sonhos
a mente-coração
que a bordar o futuro
nunca desesperança.

No rumar ao horizonte...
de todos os dias,
no debruçar ao amanhã,
rogar luz...
no desejar
melhores céus e sóis.

Disfarçadas atitudes
a resguardar saudades.
A desembaraçar o caminho
a esperança...
o que impelir possa.

E o profundo sentir
da saudade
no agora ligado.

O passado e o futuro...
saudades e esperanças
no presente, entrelaçados...
E o caminhar
no jamais retornar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

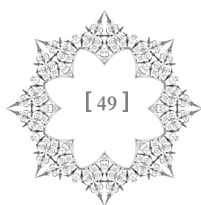
Futuro assustador

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Que esperar de um mundo
às avessas?
Ao invés de melhorar,
piorar parece.
Toma uma direção escura,
sem brilho e atrativos.
Parece nos querer levar para
o imprevisível e assustador.

E futuro não tem cor,
nem promessas a dar,
não acrescenta, nem define.
Mas, o futuro
sugerido pelo presente,
causa dor sem ter ferido,
causa medo antes de chegar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Futuro que se esvai

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Estou no presente...
vivo no presente...
faço... aqui e agora.

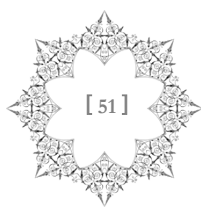
Dou um passo...
falo uma palavra...
penso qualquer coisa.

Avanço em segundos...
em minutos que seja...
ainda o presente.

Em cada passo...
em cada atitude...
recebendo o presente.

E eu neste instante...
e o futuro... não sei...
Sempre à frente...

Sem se revelar...
a esvair... em segundos
um animal a fugir.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No futuro

Por Starines

Professora aposentada, preta, carioca, apaixonada por poesia e viajar. Durante 32 anos trabalhou na rede pública de Educação. Atuou como Professora, Coordenadora Pedagógica, Assistente de Diretor e Diretora de Escola. Escreveu um pequeno livrinho em dedicatória às minhas sobrinhas Sheila e Cláudia, chamado A turma da rua (1992). Tem algumas poesias publicadas em Antologias: O nosso olhar (2022), Invisibilidade (2024) Article (2025). Publicou um livro: Por um punhado de açúcar e muito mais... (2024).

Não jogamos mais esgoto no mar,
fumaça no ar,
nem muito menos destruimos as nossas florestas
ou envenenamos nosso solo à beça.

Mentes brilhantes e competentes,
de um jeito inteligente,
conseguiram tirar da linha de frente,
dirigentes incompetentes,
que de forma indecente,
contaminavam o nosso planeta,
com todo tipo de poluentes.

Quando chegou essa corrente,
para resgatar de maneira consciente,
algo tão urgente,
todo mundo abraçou contente,
a tarefa emergente.

Hoje temos águas transparentes,
nos oceanos, mares, rios e seus afluentes,
onde a vida se faz presente.

Reflorestamento a todo vapor,
ar limpo sem nenhum odor,
terras preservadas e bem aproveitadas.

A próxima missão a seguir,
é que jamais podemos permitir,
que a nossa ganância coloque novamente em risco o nosso único lugar que temos para
existir.

A transparência das águas.

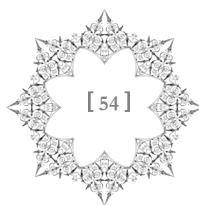
A leveza do ar.

A riqueza do solo.

Tudo vai transparecer,

a dedicação de muitas vidas

trabalhando para nosso planeta renascer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Soneto do amanhã

Por Nana Kofi Adom

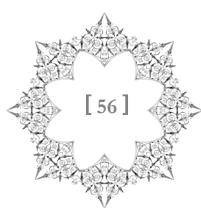
Davi Valukas, também conhecido como Nana Kofi Adom é representante de Bunyoro Kitara, monarquia subnacional da República de Uganda, no Brasil, além de atuar em diversas organizações socioculturais do Brasil e do exterior. É autor de dois livros e coautor de outros dois. Recebeu diversos títulos honoríficos por conta de sua atuação cultural, artística e literária.

Dizem que o amanhã, insólito e volátil,
Trará escuridão, fadiga e opróbrio
Com cânticos vis, entoam a mil
Tal cantilena, impuro colóquio!

Não pensem, senhores, que eu seja um tolo
Um doido otimista ou algo assim
Li o passado, em um único rolo
E algo ficou bem claro para mim!

Chips, algoritmos, IA e afins
Não podem trazer o caos por si sós
Não podem deixar pior, como nós

Deixamos a vida, então abracemos
O futuro, a descentralização
Nossa última chance em nossa mão!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Evolução em análise

Por Barbie DOG

Sophia de Almeida Guimarães, Barbie DOG, é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para as suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões e exemplos do cotidiano.

Tic Tac, o tempo está congelado...
É uma grande transformação,
O bem e o mal lado a lado!

O que será da humanidade?
Não existe mais amor,
Respeito, ou amizade...
Laços se rompendo,
O ódio cada vez mais crescendo...
Será o apocalipse, finalmente?
Começaremos do zero,
Plantando uma nova semente!

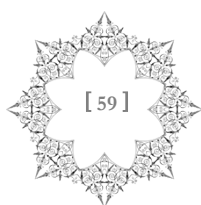
Já é possível ver o futuro,
Consigo mentalizar por cima do muro...
O individualismo será o novo império,
Talvez um lugar mais frio, mais sério...
Vejo a solidão com positividade,
Não tenho carência de paternidade!

O mundo precisar mudar...
Com urgência!
Eis a solução, então...
Investir na ciência!
Será esta a solução?
Eis outra ideia...
Investir na educação!
Debate, guerra & briga...
O mundo não mais suporta,
Essa sociedade antiga!

Creio que a verdade será a base,

A base do novo mundo...
Que venha a próxima fase!
Sem mais fingimento...
Se você gostava de falsidade,
Só lamento!
Tudo tem o lado bom e ruim...
Um início, um meio e um fim.

Tecnologia aprimorada...
Será esta a definição?
Digo, de uma sociedade melhorada?
Robôs, máquinas, carros voadores...
Tudo comprado e terceirizado,
Incluindo amores...



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI